



**UNIÃO DAS INSTITUIÇÕES DE SERVIÇOS, ENSINO E
PESQUISA LTDA.**

**A ESPIRITUALIDADE NA PSICOTERAPIA: UMA PERSPECTIVA
LOGOTERAPÊUTICA**

**OURO FINO - MG
2025**

LUANA PATRÍCIO CONTINI MACAÚBAS

**A ESPIRITUALIDADE NA PSICOTERAPIA: UMA PERSPECTIVA
LOGOTERAPÊUTICA**

Artigo científico apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia das Faculdades Integradas ASMEC, de Ouro Fino, Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador: Lucas Nista.

**OURO FINO - MG
2025**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo o meu ser, a Deus, minha fonte de inspiração e sentido para a vida, por me conduzir durante todo o curso com Seu infinito amor e generosa graça.

Ao meu esposo, David, que sonhou meus sonhos e, com paciência e amor, esteve ao meu lado em uma jornada tão incrível e transformadora para nossas vidas.

À minha filha, Maria Clara, um presente divino que ilumina e inspira cada passo da minha vida. Obrigada por ser minha escuta amorosa em tantos momentos desta jornada e por oferecer conselhos que aqueceram meu coração e acalmaram minha alma.

À minha querida mãe, que fez parte da realização deste sonho, agradeço a Deus por sua vida preciosa, por estar sempre ao meu lado, por me encorajar e por suas orações que sustentaram minha caminhada.

Ao meu orientador, Lucas, que, com sensibilidade e leveza, me guiou e apoiou ao longo deste trabalho, tornando essa trajetória ainda mais significativa.

Ao querido mestre, amigo e psicoterapeuta João Paulo, que tive o privilégio de conhecer durante minha jornada acadêmica. Nossa amizade, linda e sincera, foi sendo construída ao longo do tempo, e sei que permanecerá para a vida toda. Posso dizer, com alegria, que ganhei um verdadeiro tesouro.

Às amigas que o curso me trouxe de presente — Lázara e Victória Paulino —, foi maravilhoso poder conhecê-las e viver tantas emoções ao lado de vocês nesta jornada, levarei um pedacinho de cada uma comigo para sempre. Cada uma, com seu jeito único e especial de ser, iluminou a minha caminhada e tornou essa experiência ainda mais bonita e espero continuar escrevendo a minha história ao lado de vocês.

A toda a minha família, que me apoiou e esteve presente com carinho e incentivo durante esta fase especial da minha vida.

Ao curso de Psicologia, aos colegas da minha turma e a todos os professores que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, minha profunda gratidão.

“Encontrei o significado da minha vida, ajudando os outros a encontrarem o sentido de suas vidas.” (Viktor Emil Frankl)

A ESPIRITUALIDADE NA PSICOTERAPIA: UMA PERSPECTIVA LOGOTERAPÉUTICA

Luana Patrício Contini Macaúbas¹
Lucas Nista²

1 Acadêmica do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas ASMEC – Ouro Fino – MG
2 Docente do Curso Psicologia – Centro Universitário Amparensa – UNIFIA – Amparo – SP

RESUMO

O presente artigo explora a relação entre espiritualidade, sentido da vida e prática psicoterapêutica, analisando como a dimensão espiritual contribui para a compreensão integral do ser humano e para a promoção da saúde mental. Fundamentado na Logoterapia de Viktor Emil Frankl, o estudo aborda a espiritualidade como uma dimensão essencial da existência, distinta da religião e da religiosidade. No entanto, dialoga com ambas ao promover a integração entre corpo, mente e significado. Objetivo geral: O objetivo geral deste artigo é compreender a contribuição da espiritualidade no processo psicoterapêutico, a partir da Logoterapia, destacando sua relevância para a qualidade de vida e para o cuidado integral do ser humano. Objetivos específicos: Este estudo discute a contribuição da espiritualidade nas experiências existenciais vivenciadas no processo psicoterapêutico; analisa a relevância de considerar a dimensão espiritual como constitutiva do ser humano e como ela repercute na saúde mental e na qualidade de vida; demonstra a influência da religiosidade/espiritualidade na sociedade brasileira; destaca a importância de inserir a espiritualidade tanto na formação acadêmica dos estudantes de Psicologia quanto na prática clínica do psicólogo. Metodologia: A pesquisa adota uma abordagem de revisão bibliográfica, qualitativa e exploratória, com base em publicações nacionais e internacionais disponíveis nas plataformas PePSIC, SciELO, PubMed e Repositórios Institucionais, no período de 2015 a 2025, além da consulta a autores clássicos anteriores a esse período. Foram analisados livros, artigos científicos, revistas acadêmicas, dissertações e teses que abordam a relação entre espiritualidade/religiosidade, Psicologia e saúde mental. Resultados: Os estudos indicam um crescimento expressivo das pesquisas sobre espiritualidade e saúde, especialmente no Brasil, revelando que a espiritualidade atua como fator de proteção psicológica, colaborando para o desenvolvimento pessoal, o enfrentamento de adversidades e o bem-estar emocional. A literatura evidencia que a Logoterapia reconhece o ser humano como um ser espiritual dotado de vontade de sentido, sendo a transcendência o eixo central de sua realização existencial. Constatou-se que a integração da espiritualidade no processo psicoterapêutico favorece o autoconhecimento, amplia a autonomia e proporciona uma visão mais humanizada da prática clínica. Conclusão: A espiritualidade, enquanto dimensão constitutiva do ser humano é essencial para o desenvolvimento psicológico e existencial, contribuindo para a promoção da saúde integral e para a atribuição de sentido à vida. A Logoterapia, ao incorporar a dimensão espiritual, amplia os horizontes da Psicologia e oferece constructos teóricos e práticos para uma atuação ética, sensível e comprometida com a dignidade e os direitos humanos. Acredita-se que, por meio deste estudo, será possível obter um olhar mais abrangente sobre a constituição humana, incentivando novas pesquisas científicas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade; Logoterapia; Psicoterapia; Sentido da vida; Saúde mental.

ABSTRACT

This article examines the relationship between spirituality, the meaning of life, and psychotherapeutic practice, analyzing how the spiritual dimension contributes to a comprehensive understanding of human nature and promotes mental health. Drawing upon Viktor Emil Frankl's Logotherapy, the study addresses spirituality as an essential facet of existence, distinct from religion and religiosity, while fostering dialogue with these domains through integrating body, mind, and meaning. General objective: The primary aim of this research is to elucidate the contribution of spirituality to the psychotherapeutic process from the perspective of Logotherapy, emphasizing its significance for quality of life and the integral care of the human being. Specific objectives: This study discusses the role of spirituality in the existential experiences during therapy, analyzing its influence as a constitutive element of human identity and its impact on mental health and well-being, and examining the influence of religiosity and spirituality within Brazilian society. Furthermore, the study highlights the importance of incorporating spirituality into academic training for psychology students and the clinical practice of psychologists. Methodology: The research adopts a qualitative and exploratory bibliographic review of national and international publications available through platforms such as PePSIC, SciELO, PubMed, and institutional repositories, covering the period from 2015 to 2025, in addition to consulting classic authors predating this timeframe. The analysis encompasses books, scientific articles, academic journals, dissertations, and theses addressing the nexus of spirituality, religiosity, psychology, and mental health.

The findings reveal a substantial increase in research focusing on spirituality and health, notably within Brazil, indicating that spirituality is a protective psychological factor that facilitates personal development, resilience in adversity, and emotional well-being. The literature emphasizes that Logotherapy perceives the human being as a spiritual entity endowed with a will to meaning, with transcendence as the central axis of existential fulfillment. Integrating spirituality within psychotherapeutic practice fosters self-awareness, enhances autonomy, and promotes a more humanized approach to clinical practice. Conclusion: Spirituality, as a fundamental component of human existence, is essential for psychological and existential development, and contributes significantly to holistic health and the attribution of meaning in life. By incorporating the spiritual dimension, Logotherapy expands the scope of psychology and provides theoretical and practical frameworks for an ethical, empathetic practice committed to human dignity and rights. It is believed that through this study, it will be possible to gain a broader perspective on the human frame, encouraging further scientific research on the subject.

KEYWORDS: Spirituality; Logotherapy; Psychotherapy; Purpose of life; Mental health.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA.....	10
3. DISCUSSÃO	12
3.1 Espiritualidade na saúde no Brasil.....	12
3.2 Espiritualidade como dimensão humana	14
3.3 Religião, Religiosidade e Espiritualidade.....	16
3.4 Espiritualidade no Processo Psicoterapêutico	19
3.5 Espiritualidade na Logoterapia de Viktor Emil Frankl	23
3.6 Psicoterapia, Espiritualidade, Ética e Direitos Humanos	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o campo científico tem se dedicado ao estudo da inter-relação entre espiritualidade e qualidade de vida no contexto da psicologia clínica. Para abordar essa relação, adota-se como referencial teórico a Logoterapia, desenvolvida por Viktor Emil Frankl.

A Logoterapia, inserida na terceira força da psicologia, a Psicologia Humanista-Existencial, comprehende que o ser humano é dotado de uma “vontade de sentido” e, por conseguinte, é impulsionado à sua busca. Sob tal perspectiva, essa vontade o orientaria intencionalmente, sendo atraído por um sentido de valor que o impulsionaria à autorrealização (Frankl, 1988/2007; Herrera, 2021). Nesse sentido, a orientação intencional do ser humano situa-se em um contexto em que ocorrem as experiências humanas; não é possível separar os objetos das experiências (Herrera, 2021).

De acordo com Frankl (1988/2007), o ser humano é constituído por três dimensões: física, psíquica e espiritual, sendo esta última a que o diferencia dos vegetais e animais. A espiritualidade, nesse contexto, atravessa culturas e tradições, percorrendo uma jornada introspectiva, uma busca por autoaperfeiçoamento (Wolman, 2001). Buscar a espiritualidade “passa a se identificar com encontrar um modo melhor de viver, com levar uma vida melhor” (Wolman, 2001, p. 31).

Culliford (2015) acrescenta que, a espiritualidade está relacionada à inteireza das experiências humanas. Entretanto, o ser humano frequentemente não vivencia essa inteireza, uma vez que tende à fragmentação das experiências.

Dentro da perspectiva assumida nesta pesquisa, a espiritualidade diferencia-se da religião e da religiosidade. A religião pode ser compreendida como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos que visam à aproximação com o sagrado (Koenig, 2012). Por sua vez, a religiosidade pode ser entendida como sendo a forma como cada pessoa vivencia a religião, cada um atribui uma maneira diferente para essa experiência (Zangari; Machado et al., 2018). A espiritualidade pode ser considerada como uma busca pessoal por significado e propósito de vida (Koenig, 2012).

Para Arantes (2016, p. 91), “a experiência espiritual é uma verdade experimentada, não é uma verdade conceitual.” A autora afirma que é possível experienciar a transcendência independentemente da religião, descrevendo-a como um sentimento profundo de pertencimento e unidade com aquilo que desperta tal percepção.

A psicologia da espiritualidade, segundo Culliford (2015), diz respeito à reconciliação da experiência de inteireza do ser humano com as fragmentações e limitações inerentes à

realidade física, histórica e existencial. Essa concepção propõe que a espiritualidade atua como caminho de integração entre as dimensões da vida, promovendo harmonia entre o corpo, mente e significado. Para o autor, a experiência de inteireza implica reconhecer a unidade essencial do ser, mesmo diante das rupturas e contradições da condição humana. Para tanto, envolve posturas e práticas de atenção consciente, bem como a aquisição de conhecimento sobre si mesmo e sobre a realidade.

Assim sendo, a prática psicoterapêutica pode ser uma importante ferramenta no desenvolvimento pessoal do sujeito, favorecendo a descoberta e a integração das experiências humanas. Segundo Arantes (2016, p. 89), “A espiritualidade é como um eixo que faz com que nos movamos em relação a si, com a vida, na relação com o outro, na relação com a sociedade, com o Universo, com a Natureza e com Deus.”

Estudos demonstram que o reconhecimento e a valorização das crenças espirituais dos clientes favorecem a adesão ao tratamento psicoterapêutico e potencializa os resultados das intervenções (Culliford, 2015). Ressalta-se, portanto, que cada indivíduo é único e complexo, e que seu funcionamento psíquico deve ser compreendido de maneira integral.

O desenvolvimento rumo à espiritualidade pode ocorrer por diferentes caminhos, mas este artigo enfoca particularmente a espiritualidade no processo psicoterapêutico. Não se pretende desconsiderar outras possibilidades de atribuição de sentido à experiência humana, mas sim aprofundar-se nesse aspecto específico.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo discutir a contribuição da espiritualidade nas experiências existenciais vividas no processo psicoterapêutico, com foco na integralidade do ser. Pretende-se oferecer uma análise crítica e fundamentada acerca da relevância de considerar a dimensão espiritual como constitutiva do ser humano e como esta pode repercutir na qualidade de vida e saúde mental do sujeito. Além disso, busca-se evidenciar que o conhecimento sobre a religiosidade e a espiritualidade exerce significativa influência na sociedade brasileira, visto que a cultura do país possui uma forte expressão nesse campo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), 90,7% da população brasileira declarou praticar uma religião, um número significativo para o campo científico, especialmente para a Psicologia. Assim, destaca-se sua relevância tanto na formação acadêmica dos estudantes de Psicologia quanto na prática clínica do psicólogo.

Ao integrar a dimensão espiritual como parte da experiência humana — objeto de estudo da Psicologia — este estudo busca contribuir para um olhar mais abrangente acerca da constituição do ser humano, bem como incentivar o desenvolvimento de novas pesquisas

científicas sobre essa temática. A escolha do tema também se fundamenta em uma justificativa de natureza científica, acadêmica e social.

A relevância científica deste estudo fundamenta-se na crescente evidência empírica sobre a inter-relação da espiritualidade e qualidade de vida e saúde mental no processo psicoterapêutico. Pesquisas recentes apontam que a integração da dimensão espiritual ao cuidado psicológico amplia a compreensão da subjetividade humana e contribui para o fortalecimento de estratégias de enfrentamento, resiliência e sentido existencial (Koenig, 2012; Esperandio; Caldeira, 2022).

No contexto brasileiro, observa-se o aumento expressivo de produções científicas que associam espiritualidade, religiosidade e saúde (Esperandio; Caldeira, 2022). Ao propor uma leitura existencial da espiritualidade, a Logoterapia contribui para o avanço do conhecimento psicológico ao romper com paradigmas reducionistas (Echavarría, 2022), favorecendo uma visão mais ampla e integrativa da saúde mental.

No âmbito acadêmico, o estudo busca ampliar o diálogo entre espiritualidade e psicologia, especialmente à luz da Logoterapia de Viktor Frankl, promovendo reflexões que integrem ciência, ética e sentido existencial. Dessa forma, esta pesquisa pretende colaborar para o avanço do conhecimento científico e para a formação de profissionais mais sensíveis às dimensões que compõem o ser humano, considerando que ainda há uma lacuna na formação acadêmica, que se traduz em medo e incapacidade de manejar a espiritualidade na prática clínica (Lucchetti et al., 2011).

Em uma perspectiva social, a pesquisa justifica-se pela relevância da espiritualidade na cultura brasileira (IBGE, 2022) e pela necessidade de uma prática clínica que reconheça e respeite a diversidade de crenças, valores e experiências subjetivas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022). Além disso, ao longo dos estágios, percebeu-se que as pessoas que compartilhavam suas crenças recorriam a elas como uma importante fonte de amparo e fortalecimento emocional, buscando, por meio da espiritualidade, alcançar uma melhor qualidade de vida.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma **pesquisa qualitativa e bibliográfica, de caráter exploratório e descritivo**, fundamentada no método de **revisão bibliográfica**. Este método consiste na análise de materiais já produzidos, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, servindo de base teórica para o desenvolvimento do estudo (Gil, 2008),

que permite a análise crítica de diferentes estudos publicados, com a finalidade de **sintetizar o estado atual do conhecimento científico** sobre a religiosidade/espiritualidade no campo científico da Psicologia e na prática clínica do psicólogo.

Segundo Araújo e Borba (2004), a pesquisa qualitativa está fundamentada na ideia de que há um aspecto subjetivo no conhecimento produzido. O ser humano constitui-se como o principal ator dessa modalidade de investigação, sendo a teoria um marco referencial que orienta os procedimentos desenvolvidos.

Para a busca das referências, foram utilizadas as bases de dados **PePSIC, SciELO, PubMed e Repositórios Institucionais**, por serem amplamente reconhecidas na comunidade científica e abrangerem publicações nacionais e internacionais (por retratar o assunto de maneira específica). As **palavras-chave** empregadas incluíram combinações como “Psicologia e Religiosidade/Espiritualidade”, “Religiosidade/Espiritualidade e Psicoterapia”, “Religiosidade/Espiritualidade e Qualidade de Vida”, e “Religiosidade/Espiritualidade e Saúde Mental”.

Os **critérios de inclusão** envolveram: (a) artigos originais, tese de doutorado, revistas científicas nacionais (online), revistas científicas internacionais (online), repositórios, cartilha virtual, revisões, consensos e diretrizes publicadas entre **2015 e 2025** e autores clássicos antes de 2015; (b) publicações em português e inglês para artigos; (c) livros em português e inglês que abordassem a religiosidade/espiritualidade em Psicologia, religiosidade/espiritualidade em saúde; (d) foram selecionados 100 artigos que falam sobre a espiritualidade e a psicologia, sendo 40 artigos selecionados para fazer a inclusão neste estudo. Como **critérios de exclusão**, foram descartados 60 artigos publicados devido estratégia de pareação, duplicatas e materiais irrelevantes ao tema.

O processo de análise ocorreu em quatro etapas: (1) **extração das informações-chave**; (2) **leitura exploratória** de títulos e resumos; (3) **seleção** dos artigos que atendiam aos critérios definidos; (4) **síntese crítica** dos achados, integrando convergências, divergências e lacunas identificadas na literatura.

Dessa forma, a metodologia aqui descrita assegura **rigor acadêmico e validade científica**, permitindo que o presente trabalho alcance seu objetivo: compreender, a partir de múltiplas fontes de evidência, a relevância na compreensão da religiosidade/espiritualidade como experiência humana, para a qualidade de vida, na formação acadêmica em Psicologia e na prática clínica do psicólogo.

3. DISCUSSÃO

3.1 Espiritualidade na saúde no Brasil

Diante da literatura científica contemporânea, foi possível identificar o crescente número de pesquisas relacionadas à religiosidade/espiritualidade e saúde, com ênfase em sua influência sobre a qualidade de vida e a saúde mental (Weber; Pargament, 2014). Pesquisas têm evidenciado que a dimensão espiritual atua como um importante fator de proteção psicológica, contribuindo para o enfrentamento de situações de sofrimento, para o fortalecimento de recursos internos e para uma maior adesão aos processos terapêuticos (Koenig, 2012; Dalgalarrondo, 2008). Nessa mesma direção, Culliford (2015) destaca que a integração da espiritualidade ao contexto psicoterapêutico possibilita uma compreensão mais ampla e humanizada do indivíduo, promovendo a harmonização entre suas dimensões emocional, cognitiva e existencial, o que favorece resultados mais significativos no tratamento psicológico.

A Associação Mundial de Psiquiatria (WPA) passou a considerar a religiosidade/espiritualidade na relação saúde-doença dos indivíduos, bem como na prevalência, diagnóstico, tratamento, desfechos clínicos e prevenção de doenças (Moreira-Almeida et al., 2016). Leva-se em conta o contexto sociocultural e histórico para compreender essa relação, já que ela pode se modificar conforme o contexto apresentado. O Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM 5-TR) considera o contexto social e cultural dos indivíduos, que podem ser uma fonte de força, aumentando a resiliência, bem como a conflitos psicológicos (American Psychiatric Association, 2022).

Em termos de produção científica, o Brasil ocupa o 5º lugar no mundo em número de publicações na área de espiritualidade e saúde. Estudos recentes, realizados nos últimos três anos, evidenciam um crescimento considerável do interesse pela temática. O Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq também demonstrou números expressivos de pesquisas e linhas de investigação sobre o assunto (Esperandio; Caldeira, 2022).

Por meio de estudos empíricos quantitativos, Esperandio e Caldeira (2022) apontam que, entre 2000 e 2013, houve um aumento expressivo de pesquisas relacionadas à espiritualidade em diversos contextos da saúde mental e física. As autoras destacam ainda o crescimento das produções acadêmicas sobre o tema. A Psicologia aparece em segundo lugar, com cerca de 26% das publicações. Além disso, ressaltam o aumento significativo de teses e dissertações em universidades brasileiras, em diferentes programas de pós-graduação. Nos

últimos quatro anos, esse crescimento tem se intensificado, sobretudo pela consideração da espiritualidade como um dos componentes inerentes às boas práticas em Cuidados Paliativos.

Há psicólogos, no Brasil que se interessam em estudar a relação entre Psicologia e Religião. O Grupo de Trabalho “Psicologia da Religião” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) reúne pesquisadoras e pesquisadores da Psicologia da Religião de diversas universidades públicas e privadas, promovendo congressos a cada dois anos. Essa associação também publica livros resultantes dos Seminários de Psicologia e Senso Religioso (Zangari; Machado et al., 2018). Em 2024, ocorreu sua décima terceira edição (Even3, 2024).

A cultura brasileira é extremamente rica quanto à expressão da espiritualidade, sobretudo no âmbito das religiões (Esperandio; Caldeira, 2022), podendo ser considerada como fonte de pesquisa para desvelar a totalidade do ser humano, bem como suas experiências.

Lane (2006, p.19) afirma:

[...] o desenvolvimento infantil até as patologias e as técnicas de intervenção, características do psicólogo, devem ser analisadas criticamente à luz desta concepção do ser humano – é a clareza de que não se pode conhecer qualquer comportamento humano isolando-o ou fragmentando-o, como se existe em si e por si... [a psicologia sócio-histórica] poderá responder à questão de como o homem é sujeito da História e transformador de sua própria vida e da sua sociedade, assim como qualquer outra área da Psicologia.

Para compreender o ser humano, torna-se necessário situá-lo em seu contexto sócio-histórico e cultural, reconhecendo as determinações que o constituem (Bock; Machado; Teixeira, 2018).

A experiência religiosa é parte fundamental da vivência humana, influenciando a constituição da subjetividade, das culturas e das sociedades. Considerando que o Brasil é um país de forte religiosidade, torna-se essencial que a Psicologia compreenda os fenômenos religiosos e sua relação com a formação histórica da Psicologia como ciência (Zangari; Machado et al., 2018). Para Durkheim, (1978), a religião permanecerá presente enquanto existir sociedade, uma vez que é por meio dela que a coletividade se reconhece como totalidade.

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (2004) analisa o pluralismo religioso presente no Brasil contemporâneo como um amplo e variado conjunto de “sistemas religiosos de sentido”. Mapear o cenário religioso atual implica buscar identificar esses sistemas espirituais, marcados por forte dinamismo e grande transformação (Dalgalarrondo, 2008). A experiência religiosa deve ser vista como uma fonte de significação. Berger (1985, p.70) afirma:

Não é a felicidade que a teodicéia proporciona antes de tudo, mas significado. E é provável que, nas situações de intenso sofrimento, a necessidade de

significado é tão forte quanto a necessidade de felicidade, ou talvez maior. Não resta dúvida de que o indivíduo que padece, digamos, de uma moléstia que o atormenta, ou de opressão e exploração nas mãos de seus semelhantes, deseja alívio desses oportunitários. Mas deseja igualmente saber por que lhe sobrevieram esses sofrimentos em primeiro lugar.

Segundo Koenig (2012), a espiritualidade está presente em diferentes culturas e sociedades, expressando-se na busca do ser humano por um sentido para a vida. Essa busca pode ocorrer por meio da participação religiosa, da fé em Deus, da família, do naturalismo, do racionalismo, do humanismo ou ainda nas artes. Essas diferentes expressões influenciam tanto a forma como as pessoas vivenciam saúde e doença, quanto à maneira como os profissionais de saúde compreendem essas experiências e interagem com os outros.

Dessa forma, a religião/religiosidade/espiritualidade é um aspecto relevante para a formação da subjetividade humana em diferentes comunidades, sendo, portanto objeto de estudo da Psicologia, que é a ciência da subjetividade e do comportamento humano. Inclusive, existe uma área específica denominada Psicologia da Religião, que estuda o comportamento religioso, crenças, símbolos religiosos, assim como os processos psicológicos e sociais relacionados à religiosidade e à espiritualidade, que é fonte de sentido e propósito para a vida (Zangari; Machado et al., 2018).

3.2 Espiritualidade como dimensão humana

A Psicologia, desde como ciência, ocupou-se do estudo das experiências religiosas, buscando compreender como os indivíduos atribuíam sentido no sistema de crenças que eles acreditavam. Muitos pioneiros da Psicologia do século XIX e XX interessavam pelo estudo do comportamento religioso, por suas manifestações psíquicas, seus impactos na saúde mental, sua relevância na compreensão da inteligência humana e suas inferências na vida em sociedade.

Dentre os grandes nomes da Psicologia, estão Wilhelm Wundt (1832-1920), considerado o pai da Psicologia moderna, William James (1842-1910), Sigmund Freud (1856-1939), Carl Jung (1875-1961), Théodore Flournoy (1854-1920), Stanley Hall (1844-1924), James Leuba (1868-1946) e Edwin Starbuck (1866-1947), Maslow (1908-1970), Gordon Allport (1897-1967) e Viktor Frankl (1905-1997) (Zangari; Machado et al., 2018). Como também, Evelyn Underhill (1875-1941), Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), Aldous Huxley (1894-1963) (Culliford, 2015).

Os autores mencionados foram fundamentais para que a religiosidade fosse considerada como um objeto relevante da Psicologia, utilizando os recursos e conhecimentos psicológicos de sua época para compreender as manifestações humanas. Além disso, recorreram a esses

fenômenos como base para desenvolver teorias e concepções a respeito da mente e do comportamento humano (Zangari; Machado et al., 2018).

Segundo William James, as pessoas buscam por um significado na vida, além de suas preocupações no dia-a-dia (Culliford, 2015). Assim como ele, Théodoro Flournoy dedicou-se na compreensão de como as experiências religiosas conectam com as origens e o funcionamento da mente humana (Zangari; Machado et al., 2018).

Underhill, (1999b, p.16) escreveu:

Por baixo da superfície da vida, que geralmente nos contenta, há profundidades e grandes forças espirituais insuspeitas que condicionam e controlam nossas pequenas vidas. Algumas pessoas são, ou se tornam, sensíveis à pressão dessas forças... O resto de nós facilmente ignora os indícios de todo esse domínio da experiência.

Segundo a autora, as pessoas não percebem a dimensão espiritual por se tratar de uma vivência interna e não visível, além de estarem envolvidas com demandas cotidianas mais evidentes e externas. Ela, conclui que, “Nenhuma Psicologia que deixe de levá-las em conta [as forças espirituais] pode afirmar que é completa” (Culliford, 2015, p.90).

Autores contemporâneos, como o psicólogo Kenneth I. Pargament e os médicos psiquiatras Harold G. Koenig e Larry Culliford são importantes pesquisadores e referências mundiais nos estudos sobre espiritualidade, coping religioso/espiritual (recurso de enfrentamento utilizado para lidar com o sofrimento da vida), saúde mental, religiosidade e a correlação entre espiritualidade e psicologia.

A espiritualidade refere-se à dimensão da subjetividade humana, situada no âmbito das perguntas e buscas pelo sentido da vida, aspectos que movimentam o ser humano ao encontro de respostas, direcionando-o a elementos que compreendam a existência humana (Esperandio; Caldeira, 2022). Amatuzzi (2005) discorre que a espiritualidade é inerente ao ser humano enquanto tal, e é uma necessidade psicológica constitutiva de todo ser humano.

A etimologia da palavra espiritualidade deriva do latim *spiritus*, “sopro de vida” ou “respiro”, como o termo latino saúde *salus*, “inteiro”, “intacto” e “íntegro”, ou do latim medieval *sanus*, “puro”, “verdadeiro”. Vale ressaltar, como seus significados se conectam e se aproximam (Esperandio; Caldeira, 2022). As noções etimológicas da espiritualidade e a saúde estão associadas nos significados, tais como, no sentido e propósito de vida. De acordo com as autoras, ao longo das diferentes épocas ocorreram vicissitudes conceituais que atribuíram múltiplos sentidos tanto ao termo saúde quanto à espiritualidade. Esse processo culminou numa espécie de “torre de Babel”, especialmente no que se refere à espiritualidade, recorrentemente apresentada de forma distanciada do conceito oficial de saúde, e vice-versa.

Alguns pesquisadores da área da espiritualidade criticam o modelo biomédico. De acordo com eles, não seria possível considerar uma pessoa em sua totalidade reduzindo-a ao aspecto biológico. O ser humano, em sua constituição, é biopsicossocial e espiritual, considerando as dimensões humanas emocionais, relacionais e de significação. Através de suas pesquisas, esses críticos buscam evidenciar o quanto a sociedade acolheu a perspectiva reducionista (Lousada, 2017).

Segundo Minayo (2000), mesmo diante das tentativas de superação do modelo biomédico, as práticas em saúde ainda permanecem centradas em abordagens tradicionais, pouco voltadas à promoção de uma concepção ampliada de saúde. Contudo, iniciativas vêm sendo realizadas para uma compreensão mais dinâmica, em que a qualidade de vida se torna elemento essencial. Nesse sentido, trata-se de um conceito subjetivo, cuja avaliação só pode ser realizada pelo próprio indivíduo (Segre; Ferraz, 1997).

Dessa forma, diversos pesquisadores compreendem a espiritualidade e a religiosidade como objeto da psicologia, na medida em que apresentam os diversos impactos que a correlação com a espiritualidade e/ou religiosidade provocam na subjetividade. Entretanto, pretende-se discutir o significado de cada uma dessas experiências humanas, bem como seus impactos na qualidade de vida dos indivíduos.

3.3 Religião, Religiosidade e Espiritualidade

A compreensão dos conceitos de religião, religiosidade e espiritualidade é fundamental para o campo da Psicologia e para a prática clínica do psicólogo, uma vez que essas dimensões influenciam significativamente a experiência humana. A literatura revela uma pluralidade de perspectivas e destaca suas diferenças conceituais.

Segundo Koenig (2012), a religião pode ser compreendida como um conjunto de crenças e práticas coletivas, sustentadas por rituais que possibilitam a relação com o sagrado. Geralmente fundamenta-se em escrituras ou ensinamentos que buscam explicar o sentido da existência, o papel do ser humano no mundo e a vida após a morte, além de propor códigos de conduta aceitos pela comunidade.

Para Dalgalarrondo (2008), a religião é um fenômeno humano complexo, constitutivo da subjetividade, que se apresenta simultaneamente como experiência psicológica, sociológica, antropológica, histórica, política, teológica e filosófica. Assim, caracteriza-se pela grande variabilidade ao longo do tempo e do espaço, envolvendo diferentes contextos culturais e históricos. Desse modo, a religião é geralmente compreendida como um sistema

institucionalizado de crenças, doutrinas e práticas que organiza a experiência coletiva em torno do sagrado (Dalgalarondo, 2008).

No que se refere à religiosidade, Zangari, Machado et al. (2018) afirmam que cada indivíduo a expressa de forma singular, atribuindo-lhe significados distintos. Koenig (2012) observa que a vivência religiosa pode manifestar-se tanto em âmbito público, por meio de atividades institucionais como cultos, orações comunitárias, evangelização ou voluntariado, quanto em práticas privadas, como orações individuais, meditação, leitura de textos sagrados e rituais pessoais. Para Dalgalarondo (2008), a religiosidade pode ser compreendida como uma dimensão mais pessoal, desvinculada de instituições formais, de práticas ritualísticas ou de doutrinas específicas.

Larson, Swyers e McCullough (1998) destacam que a religiosidade se configura tanto em crenças de caráter individual, como a fé em Deus ou em uma força transcendente, quanto em manifestações institucionais, expressas pela vinculação a denominações religiosas, pela participação em ritos coletivos e pela adesão a sistemas doutrinários organizados. Dessa forma, a religiosidade pode se expressar tanto de maneira institucional quanto individual, constituindo um importante indicador do engajamento do sujeito com sua crença.

A espiritualidade, por sua vez, é descrita como uma dimensão mais ampla, vinculada à busca de sentido, propósito e conexão com o transcendente, sendo considerada parte essencial da existência humana e manifestando-se como necessidade de significado (Frankl, 1987). Para Pargament (2013), a espiritualidade se expressa em processos de enfrentamento e resiliência, enquanto Koenig (2012) enfatiza seu papel positivo na promoção do bem-estar e da saúde mental.

Gerone (2015) comprehende a espiritualidade como uma dimensão que transcende os sistemas religiosos, podendo manifestar-se em diferentes experiências humanas, tais como valores, ética, amor, compaixão, solidariedade, arte e, sobretudo, no sentido e no propósito da vida. De forma semelhante, Puchalski (2006) entende a espiritualidade como uma busca inerente do ser humano por significado e finalidade existencial, que pode ou não estar associada à religião, englobando também a relação com o transcendente, com a natureza, com a arte, com o pensamento racional e com os vínculos interpessoais, influenciando diretamente a forma como indivíduos e profissionais de saúde percebem e enfrentam a saúde e a doença. Culliford (2015), diz que a espiritualidade é a inteireza. O homem com frequência não experimenta a inteireza nas experiências que vivenciam, já que tende a fragmentação delas. Culliford (2015, p.17-18) afirma que:

Estamos acostumados à disjunção, a começos e fins, nascimento e morte, ao envelhecimento, à passagem das estações, do dia e da noite, ao despertar e acordar, à descontinuidade de voltar a mente disto para isso e aquilo... para desejos e aversões...para pensamentos, sentimentos, percepções dos sentidos e impulsos para a ação... para frente e para trás, entre experiências dentro da mente, dentro do corpo e 'lá fora', no mundo... perto e distante... no presente ou futuro... na consciência simples, em estados crepusculares, em sonhos, na memória e na imaginação.

Pesquisas indicam que religiosidade e espiritualidade exercem papel relevante em duas dimensões principais: no auxílio ao enfrentamento de situações adversas, como doenças, transtornos ou períodos de estresse intenso, e na promoção de estados emocionais positivos, tais como bem-estar, otimismo e senso de propósito existencial (Koenig, 2012). Nessa perspectiva, Marques et al. (2009) compreendem a espiritualidade como uma experiência de bem-estar vinculada à descoberta de um propósito que justifique o engajamento do indivíduo com a vida, associado a um significado último da existência.

Boff (2006) acrescenta que a espiritualidade refere-se à experiência de contato com dimensões que transcendem a realidade cotidiana, caracterizando-se pela vivência de uma força interior que ultrapassa as capacidades individuais. Para Pargament e Mahoney (2002), a espiritualidade constitui uma dimensão essencial e universal do ser humano, promotora de humanização e desenvolvimento, favorecendo o compromisso com o cuidado ao próximo, com a natureza e com a criação.

Nesse contexto, diversos profissionais da área da saúde reconhecem o potencial da religiosidade na promoção da saúde e do bem-estar, destacando a importância fundamental de estudá-la de forma integrada com a espiritualidade, compreendida como a dimensão que confere sentido à vida (Esperandio; Caldeira, 2022). Assim, embora inter-relacionados, religião, religiosidade e espiritualidade apresentam especificidades conceituais que as distinguem, sobretudo em contextos clínicos e científicos, a fim de evitar reducionismos e possibilitar uma compreensão mais integral da experiência humana.

Consideradas dimensões constitutivas da existência, religiosidade e espiritualidade acompanham a trajetória do ser humano ao longo da história. Sua influência manifesta-se tanto nas interações sociais e culturais quanto na esfera intrapsíquica do indivíduo, refletindo-se em valores, crenças, emoções e atitudes. Logo, tais dimensões integram também aspectos da constituição psicológica, o que as torna relevantes nos atendimentos clínicos em Psicologia.

3.4 Espiritualidade no Processo Psicoterapêutico

Nas últimas décadas, a psicologia tem ampliado seu campo de interesse para a espiritualidade e a religiosidade, reconhecendo sua influência direta sobre a saúde mental, o bem-estar psicológico e a integração biopsicossocioespiritual do ser humano. A saúde mental, conforme Lancetti e Amarante (2006) pode ser compreendida não apenas como ausência de doenças, mas como a busca ativa por modos de vida que favoreçam o enfrentamento das adversidades, promovendo mudanças e produção de subjetividade.

Essa perspectiva dialoga com o conceito de qualidade de vida apresentado por Minayo, Hartz e Buss (2000), que inclui a dimensão espiritual como componente essencial da saúde integral. Mendes (1996) acrescenta que a saúde deve ser entendida como fruto de um processo social, manifestando-se nas condições de vida cotidianas e traduzindo-se em um viver pleno e prazeroso tanto no plano individual quanto coletivo.

A espiritualidade pode ser definida como qualidade inerente ao espírito humano, manifestando-se em experiências que transcendem sistemas religiosos e permeiam valores, ética, moral, amor, compaixão, arte, solidariedade e, sobretudo, no sentido e no propósito da vida (Gerone, 2015). Nesse sentido, constitui recurso fundamental para lidar com adversidades emocionais, funcionando como fator de resiliência psicológica e suporte social (Silva et al., 2021). Além disso, pesquisas evidenciam que a espiritualidade contribui para a aceitação do sofrimento, promove bem-estar, esperança e otimismo, reduz sintomas depressivos e fortalece os vínculos sociais (Koenig, 2005; Pinto et al., 2007; Espinha et al., 2013).

Koenig (2012) ressalta que a espiritualidade atua como fator protetor diante de experiências estressantes inevitáveis, funcionando como recurso de enfrentamento e ampliando a qualidade de vida. Para Pargament e Cummings (2010), a espiritualidade relaciona-se à resiliência, transformando experiências adversas em oportunidades de crescimento pessoal.

Pesquisas qualitativas realizadas em contextos clínicos e institucionais brasileiros apontam que a espiritualidade é vivida como experiência singular de encontro consigo mesmo, com o outro, com o cosmos e com o transcendente. Profissionais entrevistados em estudos sobre o tema destacaram três dimensões principais: a saúde mental como equilíbrio e sentido da vida; a espiritualidade/religiosidade como experiência vital; e a clínica como espaço de autoconhecimento e autonomia. O mencionado estudo aponta que a forma como cada indivíduo interpreta e vivencia sua religiosidade/espiritualidade pode gerar efeitos positivos ou negativos (Oliveira; Junges, 2012).

Neste cenário, a espiritualidade, entendida como liberdade de posicionamento diante das circunstâncias, constitui experiência fundamental para uma nova percepção da realidade (Jung, 1987). Os resultados também mostram que a psicopatologia se vincula mais à religião enquanto espaço de simbolização do sofrimento do que à experiência espiritual em si. Por fim, os psicólogos entrevistados reconheceram a relevância das experiências espirituais para a saúde mental, independentemente da prática religiosa, ainda que persista dificuldade conceitual entre espiritualidade, religiosidade e religião (Oliveira; Junges, 2012).

Segundo Pargament et al. (2003), o enfrentamento de estressores está ligado à integração de crenças, emoções e valores; sua ruptura pode resultar em perda de sentido, raiva de Deus ou confusão no sistema de crenças. Para que a vivência contribua à saúde mental, é fundamental o significado que o sujeito atribui à experiência. A pesquisa indica que o processo psicoterapêutico eficaz é aquele que, além de atuar sobre sintomas, favorece o autoconhecimento como dimensão espiritual. A autonomia desenvolvida nesse processo é apontada como elemento central, por possibilitar ao sujeito interferir no cotidiano, construir normas próprias e relacionar-se de forma ativa na comunidade (Moreira; Andrade, 2003).

A psicoterapia aparece nesse contexto como espaço privilegiado de acolhimento, escuta e atribuição de sentido. Para além do tratamento de sintomas, a clínica possibilita que o sujeito compreenda as fontes de seu sofrimento e desenvolva suas potencialidades de transformação (Saldanha, 1999). Ao integrar a dimensão espiritual no processo psicoterapêutico, o psicólogo contribui para o autoconhecimento e a autonomia, promovendo saúde integral e ampliando recursos de enfrentamento. Peres, Simão e Nasello (2007) ressaltam que a prática clínica deve investigar o papel da religião e da espiritualidade nos sistemas de crença dos pacientes, utilizando tais recursos de forma ética e consciente. Os autores afirmam que, estudos internacionais confirmam a relevância dessa integração, apontando resultados terapêuticos significativos quando a espiritualidade é considerada como parte do processo psicoterapêutico.

Farris (2005) observa que, embora psicoterapia e espiritualidade utilizem linguagens distintas, ambas podem ser compreendidas como universos simbólicos que buscam a construção de significados. O êxito dessa integração depende da abertura do psicólogo, que deve discernir entre vivências espirituais maduras e manifestações defensivas ou neuróticas. Para Fong (2009), o autoconhecimento é elemento central nesse processo, permitindo ao sujeito realizar escolhas mais conscientes e encontrar maior sentido para a vida.

Nesse contexto, Pargament e Exline (2013) destacam as chamadas lutas espirituais, que configuram como experiências de tensão ou conflito em torno do que é considerado sagrado. O

sagrado, por sua vez, não se limita às concepções tradicionais de Deus ou de divindades, mas pode incluir qualquer aspecto da vida percebido como transcendente, ilimitado e dotado de sentido último. Os autores citados salientam que evitar essas questões no processo psicoterapêutico significa perder oportunidades de transformação, uma vez que tais lutas podem conduzir tanto à fragmentação e ao sofrimento quanto ao fortalecimento da integridade e ao crescimento psicológico.

Por isso, cabe ao psicoterapeuta acolher esses conteúdos, que frequentemente envolvem ansiedade, medo, dor emocional, mas também alegria intensa. A espiritualidade, assim, está profundamente vinculada à busca por significado, estruturada em um “sistema de orientação” formado por crenças, práticas, estratégias de regulação emocional e conexões relacionais. Essa busca, contudo, não se dá de forma linear, sendo impactada pelos acontecimentos da vida, que podem provocar rupturas nesse sistema, fragilizando o propósito existencial ou levando à sua reconfiguração. O desfecho dessas lutas espirituais dependerá da capacidade do indivíduo de mobilizar recursos internos e externos, aceitar circunstâncias adversas e reconstruir uma visão coesa e autêntica de si e do mundo (Pargament; Exline, 2013).

Culliford (2015) discorre sobre práticas espirituais, como qualquer ação que contribua para o desenvolvimento espiritual. Tais práticas podem estar associadas a tradições religiosas, como orações, rituais de fé, meditação e leitura de textos sagrados, ou se manifestar de forma não religiosa, por meio de atividades como contemplação, ioga, contato com a natureza, apreciação das artes, relações familiares saudáveis e atos de compaixão. Em ambos os casos, contribuem para dar significado à existência, ampliando o senso de propósito, pertencimento e autenticidade, além de favorecer uma vida mais integrada e saudável.

Para Koenig (2012), a espiritualidade é expressa nos aspectos cognitivos, experienciais e comportamentais. Os aspectos cognitivos ou filosóficos da espiritualidade dizem respeito à busca por significado, propósito e verdade na existência, bem como às crenças e valores que orientam a vida de uma pessoa. Já os aspectos experienciais e emocionais abrangem sentimentos como esperança, amor, conexão, paz interior, conforto e apoio, os quais se relacionam com os recursos internos do indivíduo, sua capacidade de oferecer e receber amor espiritual e os diferentes vínculos estabelecidos consigo mesmo, com a comunidade, com a natureza, com o ambiente e com o transcendente (seja um poder superior, um sistema de valores, Deus ou até mesmo a noção de ciência cósmica). Os aspectos comportamentais, por sua vez, estão ligados à forma como a pessoa expressa externamente suas crenças espirituais e o seu estado interior. Para muitos, a espiritualidade se manifesta por meio da religião ou de uma

relação pessoal com o divino; entretanto, há quem a vivencie através do contato com a natureza, da música, das artes, da vivência de valores e princípios ou ainda pela busca do conhecimento científico.

Cabe ressaltar também quanto à formação dos profissionais da saúde e sua preparação para lidar com a dimensão espiritual nos atendimentos. No contexto acadêmico, as universidades ainda carecem de disciplinas, rodas de conversa, palestras e debates que abordem a espiritualidade e a religiosidade nas grades curriculares dos cursos de saúde. A inclusão desse conteúdo é essencial, pois práticas espirituais e religiosas afetam a saúde integral e o bem-estar, na maioria das vezes de forma positiva (Oliveira, 2017).

Lucchetti et al. (2011) identificaram que muitos profissionais se sentem inseguros e até constrangidos ao tratar de espiritualidade com seus pacientes, enquanto estes, por sua vez, não encontram espaço seguro para expressar suas crenças, justamente pela falta de preparo dos profissionais. Essa lacuna na formação acadêmica se traduz em medo e incapacidade de manejar tais situações na prática clínica.

Nessa perspectiva, Inoue e Vecina (2017) defendem que a medicina, assim como as demais áreas da saúde, precisa se abrir ao âmbito espiritual, dado seu impacto no processo saúde-doença. Peres et al. (2007) reforçam que muitos pacientes desejam falar sobre espiritualidade, crenças e sentimentos, mas ainda não encontram nos profissionais preparados para acolher essas questões, o que revela a urgência de maior investimento na capacitação acadêmica e ética para essa abordagem.

O debate em torno dos paradigmas de saúde também contribui para esse entendimento. O modelo biopsicossocial ampliado, originalmente proposto por Engel (1977), já reconhece a interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais, mas sua extensão incorpora a espiritualidade como quarta dimensão, consolidando uma abordagem integrativa. Santos (2008), Capra (1996) e Vasconcellos (2005) defendem o chamado “paradigma emergente”, que concebe o ser humano como complexo, intersubjetivo e integral, superando a fragmentação cartesiana, incluindo a espiritualidade como dimensão constitutiva da existência.

Considerando o exposto, é possível afirmar que a espiritualidade exerce influência significativa sobre a saúde mental, funcionando como recurso de enfrentamento, resiliência e promoção de qualidade de vida. A literatura evidencia que a integração dessa dimensão na psicoterapia contribui para o fortalecimento do autoconhecimento, a ampliação da autonomia e o cuidado integral do ser humano. Dessa forma, ao reconhecer a espiritualidade como parte

inerente da experiência humana, o psicólogo amplia os recursos disponíveis no processo psicoterapêutico e promove uma prática clínica mais ética, sensível e transformadora.

3.5 Espiritualidade na Logoterapia de Viktor Emil Frankl

A Logoterapia (método psicoterápico) e Análise Existencial (fundamentação filosófica) foram criadas pelo neurologista, psiquiatra e doutor em filosofia austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), em Viena, Áustria. Ele foi prisioneiro durante a Segunda Guerra Mundial e passou por quatro campos de concentração. Desenvolveu sua teoria antes da guerra, entre as décadas de 1920 e 1930, mas ela só foi consolidada em 1945, ao final do conflito.

Sua abordagem é conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, como também a Psicologia do Sentido da Vida. O termo “logos” vem da palavra grega e significa “sentido”, sua teoria concentra-se no sentido da existência humana, bem como a busca da pessoa por este sentido (Frankl, 1987).

Frankl fundamenta seu método a partir de uma crítica às concepções reducionistas, que buscam explicar o ser humano unicamente a partir da biologia. Em contraposição, ele propõe uma perspectiva ontológica denominada “ontologia dimensional”, na qual considera o ser como um todo (Echavarría, 2022).

Segundo Santos (2016), a Logoterapia adota uma concepção de ser humano que ultrapassa a visão restrita ao modelo biopsicossocial, evitando reduzi-lo a uma de suas partes isoladas. Trata-se, portanto, de compreender o indivíduo em sua totalidade, reconhecendo-o como unidade, ainda que constituído por diferentes dimensões. Sua teoria e técnica em psicoterapia levam em conta a estrutura ontológica complexa da integração do ser humano constituída pelas dimensões biológica, psicológica e espiritual.

Segundo essa concepção, o ser humano encontra a si mesmo ao transcender à espiritualidade, não podendo negá-la, pois o propósito de sua existência está na realização de valores. Assim, sentido e valor mantêm uma relação estreita, visto que o sentido é inerente à existência, enquanto o valor se define como algo atemporal, essencial e passível de transformação.

Nessa perspectiva, Frankl buscou distanciar a espiritualidade de um caráter estritamente religioso, denominando-a “dimensão noética”, termo de origem grega que remete à razão e ao espírito, relacionando-a aos fenômenos humanos. Para o autor, o ser humano é capaz de orientar-se por valores, reconhecendo-os, percebendo-os, conhecendo-os, experimentando-os e realizando sentido (Houaiss, 2009; Lima, 2012).

Os três grandes conceitos da Logoterapia são: a liberdade da vontade que diz respeito à dimensão interna ou espiritual do ser humano diante dos aspectos biopsicossociais, na jornada em busca de sentido, o ser humano é livre para fazer escolhas; a vontade de sentido, o ser humano tem sempre um desejo de encontrar um sentido para vida, ele é movido pela busca de significado, procurando reconhecer o sentido presente nas realidades humanas e concretizar valores nas situações históricas específicas (Herrera, 2021); o sentido da vida, que não pode ser simplesmente concedido, mas deve ser descoberto pela própria pessoa, não em seu interior, e sim fora de si, por meio das experiências das quais extrai significado (Frankl, 2003).

O ser humano tem a possibilidade de encontrar sentido de três formas (Herrera, 2021): valores de criação (o que o homem entrega ao mundo), valores de experiência (o que o homem recebe do mundo), valores de atitude (postura do homem diante do sofrimento). Sendo assim, o sentido da existência pode ser desvelado por meio de três experiências fundamentais: o amor dirigido a outra pessoa, a dedicação a um ideal e a aceitação do sofrimento inevitável em prol de algo superior (Frankl, 2003).

Aquino et al. (2015) apontam que a experiência espiritual pode se apoiar na fé, compreendida como a crença incondicional na existência de um suprassentido, um sentido de vida mesmo quando este não é plenamente compreendido racionalmente. De acordo com essa compreensão, a espiritualidade se manifesta também na atribuição de significado ao sofrimento, sustentando-o como parte de uma realização interior. Nesse sentido, Frankl (1987) argumenta que o indivíduo pode possuir uma força interior capaz de superar as circunstâncias externas de seu destino, estando sempre diante da decisão de transformar sua condição de sofrimento em um compromisso existencial com valores.

Para Frankl (2007), o homem que assume o risco de buscar um sentido para sua vida é denominado homem religioso. Essa busca por sentido ocorre mesmo quando não há plena consciência dela. Entretanto, quando o indivíduo não consegue realizar essa busca e não alcança a realização de seus valores, ele tende ao adoecimento, sendo, portanto, a transcendência o caminho para a restauração (Frankl, 1987). No âmbito psicoterapêutico, a logoterapia valoriza o encontro existencial entre o psicoterapeuta e cliente, priorizando a relação interpessoal em detrimento das técnicas, sem, contudo, descartá-las. Nesse contexto, uma abordagem exclusivamente técnica pode comprometer os efeitos terapêuticos, pois é relevante considerar o toque humano (Frankl, 2007). Assim, esse método busca compreender o indivíduo em sua totalidade.

A Logoterapia tem se consolidado como uma abordagem clínica relevante no tratamento das neuroses. Frankl (1987) distingue três tipos: psicogênicas, somatogênicas e noogênicas. Enquanto as neuroses psicogênicas atingem a dimensão psicológica, as somatogênicas envolvem aspectos físicos e as noogênicas relacionam-se a questões existenciais, como o vazio existencial e a falta de sentido. Segundo Frankl, a logoterapia é mais indicada para as neuroses noogênicas (Echavarría, 2022).

Para intervir terapeuticamente, o logoterapeuta deve realizar diagnóstico diferencial, identificando se o quadro clínico afeta exclusivamente dimensões somáticas ou psicológicas, se há impacto sobre a dimensão noética ou se a origem do problema é essencialmente existencial. Isso demanda, frequentemente, a utilização de exames clínicos e testes psicológicos. Frankl (2010) denominou o sentimento de ausência de sentido como “vácuo existencial”, manifestado por estados de angústia e tédio decorrentes da falta de conformidade e da pressão social pela massificação ou pela submissão a expectativas externas. Este fenômeno é caracterizado por uma “neurose coletiva” contemporânea, sobretudo no século XXI, marcado por um ritmo acelerado de vida sem tempo para reflexão e significado.

O “adoecimento espiritual” manifestado coletivamente expressa-se em fenômenos como suicídio, criminalidade e dependência química, associados às crises existenciais da modernidade, bem como à tríade trágica, sofrimento, culpa e morte (Frankl, 2003, 2010). Nesse sentido, Frankl (1987) reconhece a importância do contexto histórico-social na compreensão das neuroses e na indicação de intervenções terapêuticas.

O logoterapeuta assume funções fundamentais, entre as quais: compreender o cliente em sua integralidade, valorizando a relação terapêutica e cultivando atitudes de abertura, proximidade e respeito (Herrera, 2021); promover a autonomia do cliente na autoexploração e na construção de seu projeto existencial; aplicar técnicas adequadas ao caso; e, quando pertinente, compartilhar experiências pessoais para favorecer a expressão livre de sentimentos, emoções e conclusões. Frankl (1987) acrescenta que cabe ao psicoterapeuta auxiliar o paciente a identificar o que verdadeiramente busca em sua existência.

Entre as técnicas específicas, destacam-se a técnica da intenção paradoxal e a derreflexão, são técnicas baseadas no autodistanciamento e na autotranscendência, respectivamente. A intenção paradoxal visa provocar no paciente uma inversão de atitude diante de seus temores, substituindo o medo por uma postura bem-humorada, favorecendo o autodistanciamento de situações externas e de si mesmo. Já a derreflexão é utilizada quando o paciente apresenta um sofrimento que pode gerar uma patologia. Nessa técnica, o logoterapeuta

orienta-o a direcionar o foco para aspectos relevantes da existência, promovendo a autotranscedência, que conduz o ser humano a voltar-se para algo ou alguém além de si mesmo (Echavarría, 2022).

A Logoterapia é compreendida como um processo analítico cujo objetivo central é auxiliar o paciente a descobrir sentido em sua vida, conscientizando-o de sua dimensão espiritual. Herrera (2021) destaca como metas desse processo: identificar a natureza do sofrimento; compreender o ser humano por trás da doença; fomentar a descoberta das próprias habilidades; promover a responsabilização pela própria existência; e facilitar a integração temporal entre passado, presente e futuro como fonte de significado.

Assim, Viktor Frankl contribuiu significativamente para a psiquiatria e a psicoterapia ao ampliar o entendimento sobre a dimensão espiritual, colocando a transcendência como eixo central no cuidado psicoterapêutico e na busca de sentido na vida. Portanto, ela pode ser uma ferramenta de destacada importância no contexto clínico, desde que manejada com sensibilidade e fundamentação ética.

3.6 Psicoterapia, Espiritualidade, Ética e Direitos Humanos

O Código de Ética Profissional do Psicólogo, em seu artigo 2º, alínea “b”, estabelece que o (a) psicólogo (a) não deve induzir posicionamentos de ordem filosófica, política, moral ou religiosa. Isso, no entanto, não significa que tais temas não possam ser abordados no contexto do atendimento. O Código é estruturado a partir de Princípios Fundamentais que sustentam os artigos e todas as resoluções do Sistema Conselhos de Psicologia. Entre esses princípios, destacam-se os que tratam da defesa dos direitos humanos, enfatizando o compromisso do (a) psicólogo (a) com a promoção da liberdade, dignidade, igualdade e integridade da pessoa atendida, além do dever de contribuir para a eliminação de situações de negligência, discriminação, violência ou opressão. Para tanto, o (a) profissional deve pautar sua prática em responsabilidade social, adotando uma postura crítica diante da realidade política, econômica, social e cultural.

Nesse contexto, cabe salientar que o (a) psicólogo (a) não pode utilizar sua posição profissional para privilegiar uma religião em detrimento de outra, nem deixar que suas convicções pessoais interfiram na prática clínica. A espiritualidade e a religiosidade são dimensões significativas da vida humana e não devem ser ignoradas, mas é preciso diferenciá-las do direcionamento religioso por parte do (a) profissional. O acolhimento das experiências religiosas da pessoa atendida deve ser feito com respeito, sem imposição ou indução.

O Conselho Federal de Psicologia e os Conselhos Regionais já publicaram materiais que orientam sobre como lidar com a religiosidade em atendimentos, reforçando que o papel do (a) psicólogo (a) não é convencer o (a) cliente a adotar suas próprias crenças, mas compreender a relevância que essas experiências podem ter na vida de cada sujeito. Isso é particularmente importante considerando que aspectos religiosos podem, em muitas situações, gerar sofrimento psíquico. Logo, o papel do(a) psicólogo (a) é acolher e tratar dessas questões de forma ética e responsável, sem evitá-las.

Além disso, a Constituição Federal assegura o princípio da laicidade do Estado, que garante a separação entre religião e política, protegendo a diversidade de crenças no Brasil. Nesse mesmo sentido, a Psicologia se coloca como uma ciência e profissão laica, que não se fundamenta em perspectivas religiosas, mas também não deve ser confundida com antirreligiosidade. A laicidade implica respeito a todas as formas de crença ou não crença.

O Código de Ética também proíbe que o (a) psicólogo (a) estabeleça vínculos que possam comprometer os objetivos do atendimento. Isso significa que, mesmo quando profissional e paciente compartilham da mesma fé, devem prevalecer os princípios fundamentais da Psicologia. O ambiente psicoterapêutico deve ser claramente diferenciado do ambiente religioso, e conselhos espirituais não devem ser confundidos com orientações psicológicas. Caso o (a) psicólogo (a) seja também líder ou participante ativa de uma comunidade religiosa, é essencial separar esses papéis e deixar explícito quando estiver falando como membro de fé e não como profissional da Psicologia.

Não existe uma norma absoluta que determine o que é permitido ou proibido em todos os contextos. Por isso, cada situação deve ser analisada criticamente. A indução religiosa é vedada, mas a presença de símbolos no espaço de trabalho, por exemplo, deve ser refletida. Embora possam parecer simples adornos, tais símbolos podem carregar significados para as pessoas atendidas. Assim, o (a) profissional precisa ponderar se sua exposição, seja religiosa ou não, como no caso de tatuagens, estilos de roupa ou adornos culturais, interfere na relação terapêutica. O ponto central é equilibrar a autenticidade pessoal com a responsabilidade ética, cuidando para que o (a) cliente não se sinta pressionado (a) a compartilhar das mesmas posições.

Outro aspecto relevante é que, assim como em qualquer dimensão da vida, as práticas religiosas podem trazer benefícios, mas também riscos à saúde. O (a) psicólogo (a) deve abordar essas situações dentro do projeto terapêutico. Dessa forma, práticas como jejuns, uso de substâncias ou tratamentos alternativos só devem ser questionadas caso causem prejuízos à

saúde ou à qualidade de vida da pessoa atendida. O objetivo não é invalidar a crença, mas avaliar os comportamentos que possam colocar em risco a vida ou o bem-estar.

Durante sua formação, o (a) psicólogo (a) aprende que sua função não é debater ou julgar crenças, mas compreender a realidade do (a) cliente e construir com ela um plano de cuidado. No entanto, é natural que surjam situações que causem desconforto pessoal ao profissional. Nesses casos, o Código de Ética orienta que o (a) psicólogo (a) só deve assumir compromissos para os quais esteja preparado (a) técnico, teórica e pessoalmente. Quando isso não for possível, recomenda-se buscar apoio em psicoterapia, supervisão, cursos ou, em último caso, encaminhar o atendimento a outro (a) profissional.

O Código ainda reforça que a prática psicológica deve se basear nos valores da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isso implica que, diante de situações de violação de direitos, sejam elas religiosas ou não, o (a) psicólogo (a) tem o dever de intervir, acolher e orientar o (a) cliente, auxiliando-o (a) a buscar soluções ou até mesmo acionando os órgãos competentes quando necessário.

Por fim, deve-se destacar que a atuação do (a) psicólogo (a) diante de questões religiosas segue os mesmos princípios que norteiam sua conduta em outras áreas: fundamentação teórica, análise crítica e compromisso ético com a saúde, a dignidade e os direitos humanos das pessoas atendidas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou demonstrar, por meio de revisão bibliográfica, que a espiritualidade, enquanto dimensão humana constitui elemento essencial para o desenvolvimento psíquico, emocional e espiritual, possibilitando que o indivíduo encontre sentido para suas experiências existenciais. A Logoterapia de Viktor Emil Frankl, ao integrar a espiritualidade à psicoterapia, promove uma visão ampliada do ser humano, reconhecendo sua capacidade de autotranscendência e de realização de valores.

No cenário contemporâneo, marcado por crises existenciais e pela perda de referências simbólicas, a busca por sentido emerge como necessidade vital. Assim, a espiritualidade torna-se via de reconexão com o essencial, favorecendo equilíbrio interior e o cuidado com a saúde mental. A literatura consultada aponta que indivíduos que têm suas crenças espirituais respeitadas e integradas ao processo psicoterapêutico demonstram maior adesão ao tratamento e melhor qualidade de vida.

Contudo, observa-se que a formação dos profissionais da saúde ainda carece de abordagens sistemáticas sobre o tema, o que reforça a urgência de incluir a espiritualidade nas matrizes curriculares acadêmicas e nas práticas clínicas. O psicólogo, ao compreender a espiritualidade como experiência subjetiva e não como imposição de crenças, amplia sua capacidade de acolhimento e de cuidado ético.

Portanto, reconhecer a espiritualidade como parte da totalidade humana é um passo essencial para a consolidação de uma Psicologia mais sensível, integradora e comprometida com o sentido da vida. O presente estudo contribui, assim, para o fortalecimento do diálogo entre ciência e espiritualidade, reafirmando o compromisso da Psicologia com a promoção da saúde integral, da liberdade e da dignidade da pessoa humana.

Além disso, destaca-se que a espiritualidade, compreendida como dimensão de sentido e transcendência, pode funcionar como um recurso terapêutico de profunda relevância, ao permitir que o sujeito ressignifique suas experiências cotidianas de dor, sofrimento e perda. A partir dessa perspectiva, o processo psicoterapêutico transcende a mera intervenção técnica, tornando-se um espaço de crescimento existencial, onde o indivíduo é convidado a reencontrar propósito, autenticidade e potencialidades em sua trajetória.

Do ponto de vista da Logoterapia, a autotranscendência se revela como caminho de libertação e de reencontro com a própria humanidade. Nesse movimento, o sujeito é convocado a olhar para além de si mesmo, abrindo-se à alteridade, ao amor e ao compromisso com valores que conferem significado à existência. Assim, o psicoterapeuta, inspirado por essa visão, torna-se mediador entre o sofrimento e o sentido, auxiliando o cliente a transformar o desespero em potencial criativo e espiritual.

A presente pesquisa também aponta para a necessidade de um novo paradigma na prática psicológica — um paradigma integrador, que reconheça o ser humano em sua complexidade biopsicossocioespiritual. Superar o reducionismo técnico e a fragmentação do conhecimento implica resgatar a dimensão simbólica e transcendente da experiência humana. Nesse sentido, a Psicologia se fortalece enquanto ciência e profissão comprometida com a promoção da vida em sua totalidade, onde o cuidado com o espírito é também cuidado com o corpo e com a mente.

No âmbito social e educativo, o presente estudo destaca que o incentivo ao diálogo entre espiritualidade e ciência pode contribuir para a formação de profissionais mais empáticos, éticos e conscientes de seu papel transformador. A espiritualidade, quando compreendida como

experiência de conexão com o sentido e com a vida, favorece a construção de vínculos mais autênticos e compassivos, elementos indispensáveis à prática clínica e às relações humanas.

Dessa forma, reafirma-se que o caminho da espiritualidade não se restringe à religiosidade ou à crença institucionalizada, mas constitui uma dimensão universal da existência, inerente a todos os seres humanos. Ao integrar essa compreensão na psicoterapia, o psicólogo amplia sua atuação para além do alívio sintomático, favorecendo processos de reconstrução de sentido, autonomia e liberdade interior. Assim, este estudo reforça a importância da espiritualidade como eixo estruturante da saúde integral e como fundamento essencial para uma Psicologia comprometida com o desenvolvimento pleno do ser.

Por fim, destaca-se a necessidade de que a espiritualidade seja mais amplamente debatida e valorizada no campo científico e acadêmico, de modo que seu estudo seja incorporado às diretrizes institucionais, currículos universitários e espaços de pesquisa. Recomenda-se que os Conselhos de Psicologia, universidades e entidades da área promovam conferências, seminários e audiências públicas voltadas à reflexão crítica e ética sobre o tema. A ampliação desses espaços de diálogo contribui para o fortalecimento de uma Psicologia verdadeiramente humanizada, aberta à transcendência e comprometida com a construção de uma sociedade mais consciente, que valorize a liberdade de expressão e o sentido da existência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- AQUINO, Thiago. A. Avellar. et al. Logoterapia no contexto da psicologia: Reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. **Revista Logos e Existência** (online), v. 4, n. 1, p. 45, 2015. <https://pt.scribd.com/docume nt/378702288/ArtigoLogoterapiaNoContextoDaPsicologiaReflexoesAcercaDaAnaliseExistencialdeViktorFranklComoUmaModalidadedePsicoterapia>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.
- ARAÚJO, J. L; BORBA, M. C. (orgs). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. Disponível em: <https://www.grupoautentica.com.br/produto/pesquisa-qualitativa-em-educacaomatematica-1177>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- BARBOSA DA SILVA, Andreia; MARTINS GUERRA, Valeschka. Espiritualidade, Qualidade e Sentido de Vida: contribuições para o bem-estar psicológico. **CES Psicología**

(online), v. 18, n. 1, p. 67-80, 2025. Disponível em: <https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia/article/view/7353>. Acesso em: 05 jul. 2025.

BERGER, P. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. Disponível em: <https://archive.org/details/o-dossel-sagradoelementos-para-uma-teoria-sociologica-da-religiao-peter-l.-berger>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; FURTADO, Odair. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 15. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CAMPOS, Lívia Rezende Miranda; CRUVINEL, Belarmino Vilela; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Anderson Oramisio. A revisão bibliográfica e a pesquisa bibliográfica numa abordagem qualitativa. Cadernos da FUCAMP, Monte Carmelo, v. 22, n. 57, p. 96–110, 2023. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/3042>. Acesso em: 20 jul. 2025.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CESARIO, R. R.; CESARIO, M.. Resenha do Livro: Pensamento Sistêmico: o Novo Paradigma da Ciência. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 43, n. 1, p. 708–711, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/6SkJzXDRFrHgqCFBXrrL8Ct/?format=html&language=pt>. Acesso em: 11 jul. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília, 2022. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/06/WEB_29535_Codigo_de_etica_da_profissao_14.04-1.pdf. Acesso em: 08 ago. 2025.

CULLIFORD, L. A psicologia da espiritualidade: O estudo do equilíbrio entre mente e espírito. 1. ed. São Paulo: Fundamento Educacional Ltda, 2015.

DA CUNHA NASCIMENTO, Ananda Kenney; CALDAS, Marcus Túlio. Dimensão espiritual e psicologia: a busca pela inteireza. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies (online), v. 26, n. 1, p. 74-89, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S180968672020000100008. Acesso em: 04 jul. 2025.

DA SILVA, Wendel Johnson et al. Análise da Interface entre Espiritualidade e Saúde Mental no Contexto Profissional-Usuário: Um Estudo Qualitativo. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences (online), v. 6, n. 1, p. 1608-1621, 2024. Disponível em: <https://bjih.scielo.org/article/view/1266>. Acesso em: 05 ago. 2025.

DALGALARRONDO, Paulo. Religião, Psicopatologia & Saúde Mental. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DE ALMEIDA ALEXANDRE, Clara Mel; JÚNIOR, Hélio Marco Pereira Lopes; MENDONÇA, Francisco Cardoso. Espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão dos efeitos positivos na saúde mental. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação** (online), v. 10, n. 11, p. 4805-4816, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16798>. Acesso em: 11 jul. 2025.

DE GOUVEIA, Amanda Ouriques; DOS SANTOS, Valéria Regina Cavalcante; PIANI, Pedro Paulo Freire. A influência da espiritualidade diante a saúde mental: os efeitos na sociedade e serviços de saúde. **Revista Políticas Públicas & Cidades** (online), v. 13, n. 2, p. e1480-e1480, 2024. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1480>. Acesso em: 20 ago. 2025.

DE MOURA, Eduarda Souza et al. A influência da espiritualidade na saúde mental de jovens e adultos: uma revisão sistemática. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental** (online), v. 12, n. 1, p. 52-64, 2023. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu.br/psico/article/view/410>. Acesso em: 25 ago. 2025.

DOS SANTOS, David Moises Barreto. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 68, n. 2, p. 128-142, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S180952672016000200011. Acesso em: 21 jun. 2025.

ECHAVARRÍA, Martín. F. **Correntes de Psicologia Contemporânea**. Rio de Janeiro: CDB, 2022.

ENGEL, George L. *The need for a new medical model: a challenge for biomedicine*. **Science** (online), v. 196, n. 4286, p. 129-136, 1977. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.847460>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CALDEIRA, Sílvia (orgs.). **Espiritualidade e Saúde: Fundamentos e Práticas em Perspectiva Luso-Brasileira**. Curitiba: PUCPRESS, 2022. Vol. 1. 410 p. ISBN 978-65-5385-001-9. Disponível em: https://www.pucpress.com.br/wpcontent/uploads/2022/10/Espiritualidade_saude_vol_1_amostra.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

ESPINHA, Daniele Corcioli Mendes et al. *Opiniones de los estudiantes de enfermería sobre la salud, la espiritualidad y la religiosidad*. **Revista Gaúcha de Enfermagem** (online), v. 34, p. 98-106, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Fj8d5PdW5Mvbx5zGhcqZFLN/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FARRIS, James Reaves. Aconselhamento psicológico e espiritualidade. **Psicologia e espiritualidade**, p. 161-172, 2005.

FONG, Saulo Nagamori. A importância do autoconhecimento. **São Paulo: Instituto União**, 2009. Disponível em: <https://www.institutouniao.com.br/autoconhecimento/a-importancia-do-autoconhecimento/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FORTI, Samanta., et al. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva** (online), v. 25, n. 4, pp. 1463-1474, 2020.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SC3ncDvp9mgfHPDmYzg5Gkc/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

FRANKL, Viktor Emil. Sede de Sentido. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor Emil. A presença ignorada de Deus. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor Emil. Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 5. Ed. São Paulo: Quadrante, 2010.

GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica - uma discussão necessária. **Línguas & Letras** (online), v. 17, n. 35, 2016. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/13193>. Acesso em: 18 ago. 2025.

GERONE, Lucas Guilherme Teztlaff. A espiritualidade no contexto da ciência da saúde. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento** (online), v. 1, p. 121-136, 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-dareligiao/ciencia-da-saude>. Acesso em: 25 jul. 2025.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Carlos. **Os contributos da espiritualidade para o desenvolvimento humano biopsicossocial,** 2019. Disponível em: https://sigarra.up.pt/spup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=390886. Acesso em: 20 jun. 2025.

HEFTI, René. *Integrating religion and spirituality into mental health care, psychiatry and psychotherapy.* **Religions** (online), v. 2, n. 4, p. 611-627, 2011. Disponível em: https://fisg.ch/mm/Hefti_%282011%29_Integrating_Rel_into_Mental_Health_Care_and_Psy_Religions2011%282%29.pdf. Acesso em: 27 jun. 2025.

HENNING-GERONASSO, Martha Caroline; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. **Psicologia: Ciência e Profissão** (online), v. 35, p. 711-725, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZYpkcHTjNccSTsH6TH7R5Sn/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2025.

HERRERA, Guillermo Pareja. **Viktor Frankl Comunicação & Resistência.** Rio de Janeiro: Busca Sentido Pod, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZYpkcHTjNccSTsH6TH7R5Sn/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2025.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa** (nova ortografia). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022:** católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 06 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de>

noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais. Acesso em: 10 ago. 2025.

INOUE, Thais Martins; VECINA, Marion Vecina Arcuri. Espiritualidade e/ou religiosidade e saúde: uma revisão de literatura. **J Health Sci Inst**, v. 35, n. 2, p. 127-30, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unip.br/journal-of-the-health-sciences-institute-revista-do-instituto-de-ciencias-da-saude/espiritualidade-e-ou-religiosidade-e-saude-uma-revisao-de-literatura/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

JUNG, Carl G. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KOENIG, Harold G. **Espiritualidade no cuidado com o paciente: por quê, como, quando e o quê**. São Paulo: FE Editora Jornalística Ltda, 2005.

KOENIG, Harold. G. **Medicina, religião e saúde: O encontro da ciência e da espiritualidade**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LANCETTI, Antônio; AMARANTE, Paulo. Saúde mental e saúde coletiva. **Tratado de saúde coletiva**, v. 2, p. 615-34, 2006. Disponível em: <https://professorruas.yolasite.com/resources/Tratado%20de%20Saude%20Coletiva.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LARSON, David B.; SWYERS, James P.; MCCULLOUGH, Michael E. (Ed.). **Scientific research on spirituality and health: A report based on the Scientific Progress in Spirituality Conferences**. National Institute for Healthcare Research, 1998.

LEMOS, Carolina Teles. Espiritualidade, religiosidade e saúde: uma análise literária. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião** (online), v. 17, p. 688-708, 2019. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6939>. Acesso em: 5 jul. 2025.

LIMA, Maria Eugênia Calheiros. **A plenitude humana e o cuidado integral na perspectiva de Viktor Frankl**. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2012. Disponível em: <https://www.grafiaty.com/en/literature-selections/cruise-1965/dissertation/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

LOUSADA, Márcia Gouvêa et al. **A espiritualidade na obra de autores da psicologia, saúde e educação**. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20585/2/M%25C3%25A1rcia%2520Gouv%25C3%25AAa%2520Lousada.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

LUCCHETTI, Giancarlo; LUCCHETTI, Alessandra Lamas Granero; AVEZUM JR, A. Religiosidade, espiritualidade e doenças cardiovasculares. **Rev Bras Cardiol** (online), v. 24, n. 1, p. 55-57, 2011. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2011_01/a_2011_v24_n01_07giancarlo.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

MARQUES, Luciana Fernandes; SARRIERA, Jorge Castellá; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE): *adaptation and validation of Spiritual Well-Being Scale (SWS)*. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment** (online), v. 8, n. 2, p. 179-186, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200004. Acesso em: 25 jul. 2025.

MARQUES, Stella Maris Souza. O manejo de profissionais da saúde com questões espirituais. **Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity** (online), v. 13, n. 1, 2021. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/20352>. Acesso em: 1 ago. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & saúde coletiva** (online), v. 5, p. 7-18, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MGNbP3WcnM3p8KKmLSZVddn>. Acesso em: 05 ago. 2025.

MONTEIRO, Daiane Daitx et al. Espiritualidade/religiosidade e saúde mental no Brasil: uma revisão. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia** (online), v. 40, n. 98, p. 129-139, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415711X2020000100014. Acesso em: 06 jul. 2025.

MOREIRA, Maria Inês Badaró; DE ANDRADE, Ângela Nobre. Ouvindo loucos: construindo possibilidades de viver com autonomia. **Psicologia, Saúde e Doenças** (online), v. 4, n. 2, p. 249-266, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36240206.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2025.

MOREIRA-ALMEIDA A, SHARMA A, VAN RENSBURG BJ, VERHAGEN PJ, COOK CC. WPA Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. **World Psychiatry** (online) 2016; 15(1):87-88. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/292677012_WPA_Position_Statement_on_Spirituality_and_Religion_in_Psychiatry. Acesso em: 02 ago. 2025.

OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia (Natal)** [online], v. 17, p. 469-476, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/w3hnsrp3wzVcRPL3DkCzXKr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2025.

PARGAMENT, Kenneth I.; CUMMINGS, Jeremy. *Anchored by faith. Handbook of adult resilience*, p. 193-210, 2010. Disponível em: <https://www.kennethpargament.com/spirituality-and-growth>. Acesso em: 19 jul. 2025.

PARGAMENT, Kenneth I.; EXLINE, Julie J.; JONES, James W. *APA handbook of psychology, religion, and spirituality (Vol 1): Context, theory, and research*. American Psychological Association, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277960879_Review_of_APAs_Handbook_of_Psychology_Religion_and_Spirituality_Volume_1_Context_Theory_and_Research_Volume_2_An_Applied_Psychology_of_Religion_and_Spirituality. Acesso em: 19 jul. 2025.

PARGAMENT, Kenneth I.; EXLINE, Julie J. *Working with spiritual struggles in psychotherapy: From research to practice*. Guilford Publications, 2021. Disponível em: https://www.guilford.com/excerpts/pargament3_ch1.pdf?t=1. Acesso em: 25 jul. 2025.

PARGAMENT, Kenneth I.; MAHONEY, Annette. Spirituality. *The Oxford Handbook of Positive Psychology*, 2002.

PARGAMENT, Kenneth I. et al. *Red flags and religious coping: Identifying some religious warning signs among people in crisis 1*. *Journal of clinical psychology* (online), v. 59, n. 12, p. 1335-1348, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/70612892/Redflags_and_religious_coping_Identifying_some_religious_warning_signs_among_people_in_crisis1. Acesso em: 15 ago. 2025.

PEREIRA, Thaís Thomé Seni Oliveira; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos; AUGUSTO, Maria Cecília Nobrega de Almeida. O cuidado em saúde: o paradigma biopsicossocial e a subjetividade em foco. *Mental* (online), v. 9, n. 17, p. 523-536, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v9n17/02.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PERES, Julio Fernando Prieto; SIMÃO, Manoel José Pereira; NASELLO, Antonia Gladys. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)* [online], v. 34, p. 136-145, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/YFghx4LyPBm6vVMH78Z4h8J/?lang=pt>. Acesso em: 09 ago. 2025.

PINTO, Cândida; PAIS-RIBEIRO, José Luís. Construção de uma escala de avaliação da espiritualidade em contextos de saúde. *Arquivos de medicina-porto* (online), v. 21, n. 2, p. 47, 2007. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9183/2/84786.pdf>. Acesso em 02 ago. 2025

PUCHALSKI, Christina M. Espiritualidade e medicina: os currículos na educação médica. *Journal of Education Câncer: O Jornal Oficial da Associação Americana para a Educação do Câncer* (online), v. 21, n. 1, p. 14-18, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16918282/>. Acesso em: 01 ago. 2025

SALDANHA, V. *A Psicoterapia transpessoal*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1999.

SALGADO-NETO, Geraldo; BINOTTO, Eiva Coradini. A importância da inteligência espiritual (intuição da alma). *Revista Pistis & Praxis* (online), v. 14, n. 3, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/25636>. Acesso em: 07 ago. 2025.

SANTOS, Boaventura S. *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Cortez, 2008. Disponível em: <https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentosvirtuais/pdf/umdiscurso sobreasciencias.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C.. O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública* (online), v. 31, n. 5, p. 538-542, out. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/ztHNk9hRH3TJh h5fMgDFCFj>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SILVA FILHO, José Adelmo da et al. *Religiosity and spirituality in mental health: nurses' training, knowledge and practices*. *Revista Brasileira de Enfermagem* (online), v. 75, p.

e20200345, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/i/2021.v74n2/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

UNDERWILL, E. *The Spiritual Life: Great Spiritual Truths for Everyday Life. Consciousness.* Oxford: Oneworld Publications, 1999b.

XIII Seminário Internacional de Psicologia e Senso Religioso. Tema: Psicologia e Religião: percursos, diálogos e limites. São Luís (MA): Universidade CEUMA, 13-14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/xiii-seminario-de-psicologia-e-senso-religioso-417812/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

WEBER, Samuel R.; PARGAMENT, Kenneth I. The role of religion and spirituality in mental health. **Current opinion in psychiatry** (online), v. 27, n. 5, p. 358-363, 2014. Disponível em: https://journals.lww.com/copsychiatry/abstract/2014/09000/the_roleofreligion_and_spirituality_in_mental.9.aspx. Acesso em: 26 jul. 2025.

WOLMAN, Richard. N. **Inteligência espiritual**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fátima Regina (org.). **Psicologia & religião: histórico, subjetividade, saúde mental, manejo, ética profissional e direitos humanos**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – Inter Psi, 2018. Cartilha virtual. Disponível em: <http://www.usp.br/interpsi>. Acesso em: 17 ago. 2025.

COORDENAÇÃO DE CURSO

TERMO DE CIÊNCIA SOBRE AS NORMAS/REGULAMENTOS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

EU, Luana Patrício Contini Macaúbas aluna regularmente matriculado no 10º período do curso de Psicologia da União das Instituições de Serviços, Ensino e Pesquisa Ltda.- UNISEPE, **estou ciente concordo** com as normas/regulamentos instituídas para o desenvolvimento, em todas as suas etapas, do Trabalho de Conclusão de Curso.

Outrossim, declaro ter sido orientada, de forma pormenorizada, alego seguir tal regimento.

Por estar plenamente de acordo firmo o presente.

Ouro Fino, 11 de novembro de 2025

Luana P. Contini Macaúbas

Luana Patrício Contini Macaúbas

COORDENAÇÃO DE CURSO

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO DE TCC

Declaro para os devidos fins que **aceito** orientar a acadêmica Luana Patrício Contini Macaúbas em relação ao seu Trabalho de Conclusão de Curso. A orientação se dará de acordo com o Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso.

Nome do Orientador: Lucas Nista

Título provisório do TCC: A Espiritualidade na Psicoterapia: Uma Perspectiva Logoterapêutica

Data de entrega da ficha de orientação: ____ / ____ / ____

Data prevista de entrega (Projeto): 11/11/2025



LUCAS A. NISTA
IPSIÓLOGO
CRP 06189671

Assinatura do Professor Orientador



Luana P. Contini Macaúbas

Assinatura do Discente

Assinatura do Coordenador de Curso

Documento assinado em três vias (Coordenador, Orientador e Acadêmico)



COORDENAÇÃO DE CURSO

FICHA DE ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL DE TCC

Orientando: Luana Patrício Contini Macaúbas

Orientador: Lucas Nista

Data da Orientação:

Aspectos abordados na orientação:

Qontáus sobre formulário do anexo, muito de pesquisa e fundamentação teórica.

Solicitação para próxima orientação em _____ / _____

Bibliografias indicadas:

LUCAS A. NISTA
PSICÓLOGO
CRP 06/189671



COORDENAÇÃO DE CURSO

FICHA DE ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL DE TCC

Orientando: Luana Patrício Contini Macaúbas

Orientador: Lucas Nista

Data da Orientação:

Aspectos abordados na orientação:

Orientante tentou ficar a cejeto do tema proposto, orientando-o metodologicamente a respeito da formação do artigo.

Solicitação para próxima orientação em _____ / _____

Bibliografias indicadas:

LUCAS A. NISTA
PSICOLOGO
CRP 061489671



COORDENAÇÃO DE CURSO

FICHA DE ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL DE TCC

Orientando: Luana Patrício Contini Macaúbas

Orientador: Lucas Nista

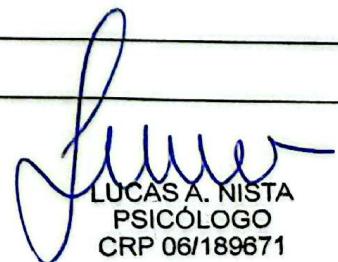
Data da Orientação:

Aspectos abordados na orientação:

funcionamento e formatação. Apresentação dos critérios

Solicitação para próxima orientação em _____ / _____ / _____

Bibliografias indicadas:



LUCAS A. NISTA
PSICÓLOGO
CRP 06/189671



COORDENAÇÃO DE CURSO

CARTA DE ACEITE

Ouro Fino, 11 de Novembro de 2025.

Senhor Coordenador de TCC Prof. Dr. Anderson Luiz Barbosa Martins

Venho, por meio desta, formalizar o meu aceite para orientar a Acadêmica Luana Patrício Contini Macaúbas, no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, junto à Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de acordo com as Regulamentações do TCC.

Atenciosamente

LUCAS A. NISTA
PSICÓLOGO
CRP 06/189671

Lucas Nista